

DIRETOR: ANA CRISTINA GIL
EDITOR: ADOLFO FIALHO
EQUIPA EDITORIAL: ANA DIAGO,
LEONOR SAMPAIO DA SILVA,
MAGDA CARVALHO,
MARIA DA LUZ CORREIA,
SUZANA CALDEIRA

ABRIL DE 2020 • Nº 29

AGORA

Página Facebook: https://www.facebook.com/Agora-1851778665043178/?ref=aymt_homepage_panel | Email: agora.fcsh@gmail.com

JORNAL
DA FACULDADE
DE CIÊNCIAS SOCIAIS
E HUMANAS
DA UNIVERSIDADE
DOS AÇORES

Nota de abertura

Em casa e à distância de um clique!

Volvido mais de um mês depois da UAc ter encerrado portas, continuamos a trabalhar a partir de casa, distanciados fisicamente, mas sempre sintonizados nas nossas novas rotinas. Neste novo cenário, a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) continua a esforçar-se por dar o melhor de si, contrariando os naturais constrangimentos dos dias que correm.

Neste número, a rubrica *Agora* faz o rescaldo dos últimos dois meses de vida da instituição, após a vigência do seu plano de contingência, em boa hora criado e assumido por toda a Comunidade Académica. Em *conversa escrita*, Rui Amaral, o Diretor dos Serviços de Tecnologias da Informação e da Comunicação, acompanha este balanço, dando conta de todo o trabalho que se tem feito para manter a UAc a funcionar remotamente.

E porque *Agora é Hora* continua a convidar-nos a "FICAR EM CASA", *Agora é Moda* marca encontro conosco, às 16.00h locais, para acompanharmos a atualização diária da pandemia, feita pelo Sr. Diretor Regional da Saúde, a figura mais mediática do momento, que conta já com uma legião de mais de 40 000 fãs.

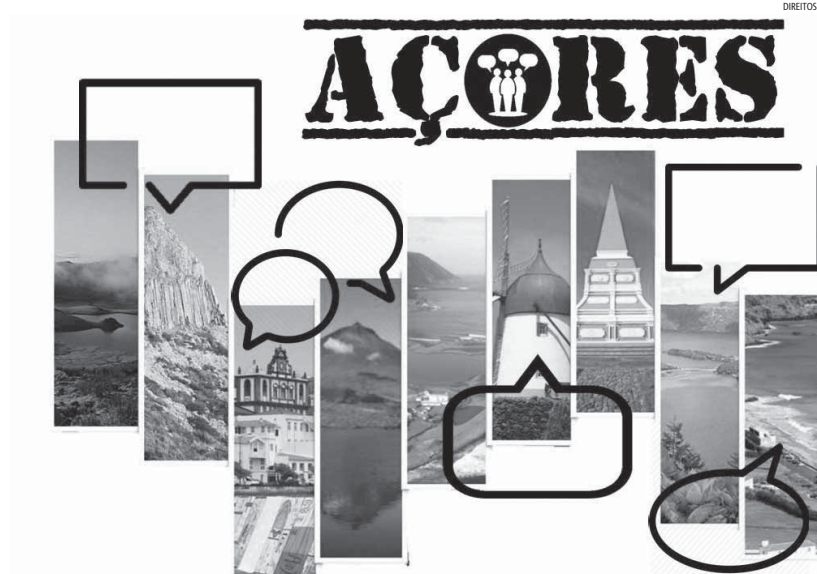
ADOLFO FIALHO
(DOCENTE DA FCSH)

Ágora

Porque não há um dialeto açoriano

A referência a um dialeto açoriano (singular), identificado de uma forma ou de outra com as características fonéticas do português falado em São Miguel, continua a persistir em muitos meios. É um facto, de entre as 9 ilhas dos Açores, a maneira como os micalenses pronunciam as palavras é a mais afastada da respetiva pronúncia no português padrão. No entanto, a variação do modo de se pronunciar sobretudo as vogais é muito diferente no Nordeste ou no Pilar da Bretanha (São Miguel). E ainda é maior essa diferença se o falante for da Agualva (Terceira). Sem mais argumentos, avance-se que não há um dialeto açoriano, por as variedades linguísticas entre as várias ilhas e em cada uma delas serem muito significativas. Assim, a designação hoje aceite e justificada entre académicos é que os dialetos insulares se dividem em dialetos madeirenses e dialetos açorianos.

Coloca-se então uma pertinente questão. Quantos são os dialetos açorianos? Serão 156 quantas as freguesias dos Açores, acrescentando-se ainda Vila do Corvo e mais alguns lugares? A resposta negativa sustenta-se em um argumento - entre a grande variedade há traços comuns que per-



"Há variedades linguísticas muito significativas entre as várias ilhas", defende a autora.

mitem agrupar os dialetos açorianos em 5: 1) os dialetos de São Miguel; 2) os dialetos da Terceira, Graciosa e São Jorge; 3) os dialetos das Flores e do Corvo; 4) os dialetos de Santa Maria; 5) os dialetos do Pico e do Faial (Segura, 2006 e 2013), representando a ordem crescente a maior ou menor distância entre a variedade

de em causa e o português europeu padrão. Assim, essa diferença revela-se mais acentuada em São Miguel do que no Pico e Faial. Pelas semelhanças dos traços vocálicos, podemos verificar em São Miguel, por exemplo, que a variedade linguística está longe de corresponder ao número de freguesias. A partir dos es-

tudos de Clara Rolão Bernardo (1999 e 2003), podemos confirmar que apenas Arrifes, Bretanha, Mosteiros, Ponta Garça, Água de Pau, Rabo de Peixe, Porto Formoso e Nordeste revelam maior diferenciação.

HELENA MONTENEGRO
(DOCENTE DA FCSH)

Agora deu-me para isso

Hélder Rocha Pereira faz planos para "caminhar" para além da pandemia

página 2

Alumni

Fernando Vieira falou ao *Agora* sobre o seu (per)curso na UAc

página 2

Agora é moda

Conheça a saga de Tiaguim e da sua legião de fãs, na *Happy Hour* das 4 da tarde

página 4

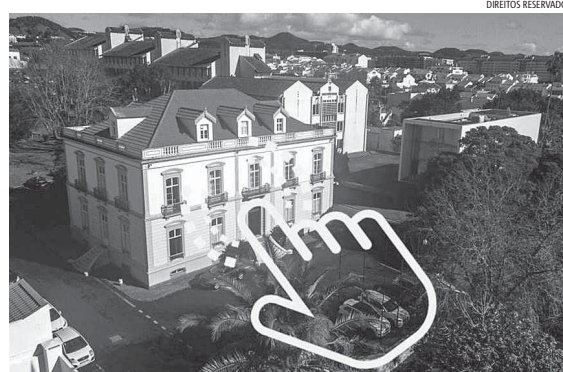
Agora

A UAc à distância de um clique

Na Universidade dos Açores, o mês de março agitou-se na tomada de consciência dos desconhecidos, mas antecipáveis, de-

safios e constrangimentos da disseminação da COVID-19. Divulgado a 29 de fevereiro, o plano de contingência da instituição desvelava pronto zelo na proteção coletiva e impunha novas regras e cuidados.

O Centro de Resposta a Emergências não mais teve mãos a medir para corresponder às múltiplas dúvidas e solicitações. Em início de semestre, foi particularmente crítica a gestão das centenas de estudantes, docentes e demais trabalhadores que a instituição previa receber e enviar



DIREITOS RESERVADOS

em mobilidade, e garantir a segurança das várias centenas de estudantes alojados nas residências universitárias. Inevitável era também preparar a instituição para funcionar à distância no ensino e no teletrabalho.

A comunidade académica rapidamente se adaptou às novas rotinas e os fóruns e ritmos da vida da instituição não mais foram os mesmos desde então. Hoje a UAc vive à distância de um clique.

SUZANA MIRA LEAL
(VICE-REITORA DA UAC)

Agora deu-me para isso

Uma espécie de Lista de Desejos

Hélder Rocha Pereira é docente do Departamento de Enfermagem, Saúde da Família e Comunidade, da Escola Superior de Saúde da Universidade dos Açores.

Subir à montanha do Pico, descer à Caldeira do Santo Cristo em São Jorge, descer a vinha velha rumo às jazidas de fósseis em Santa Maria, dar a volta ao caldeirão no Corvo e passar pela cara do índio, deslumbrar-se no Poço da Ribeira do Ferreiro nas Flores, deixar-se envolver pela atmosfera do Algar do Carvão e das pastagens do gado bravo na Terceira e, em São Miguel, percorrer a ilha de Lés a Lés desde a Ribeira do Guilherme no Nordeste até à Praia dos Mosteiros para alguns uma canseira, para mim um desafio estimulante.

O desafio não é tanto conhecer todas as ilhas dos Açores, até porque isso já tinha sido realizado, mas antes deixar-se seduzir por elas a um ritmo diferente. Conhecer as ilhas a pé, um projeto pessoal do último par de anos, é conhecer as ilhas "por dentro", em contacto direto com a natureza, com as pessoas e com os espaços onde a história se fez e se faz. Muito agradeço aos amigos dos "Amigos dos Açores" os "grandes culpados" por me iniciarem neste gosto agora entranhado. Com eles tive contacto com uma ilha que me era, em grande medida, desconhecida.

Não se trata apenas do exercício físico ou da convivência que estas atividades proporcionam, e que, por si só, justificariam que nelas se participasse. É muito mais do que isso. Caminhar pelos caminhos antigos que uniam os diferentes lugares das ilhas e percorrer trilhos, muitas vezes de difícil acesso, permitiu-me ter acesso a cascatas, vales, nascentes



"Caminhar para mim é terapêutico", partilha Hélder Rocha Pereira.

tes e ribeiras que nem suspeitava que existissem... lugares tão próximos e tão desconhecidos para mim. Dou por mim a espantarme com estas ilhas e a matutar frequentemente "Caramba!!! Como é fascinante o local onde vivo! Tenho sorte em morar aqui!". Caminhar, para mim, é,

ainda, "terapêutico". Imerso na natureza descanso o espírito, perco-me nos meus pensamentos, tenho ideias para projetos, surpreendo-me com a capacidade para fazer mais quilómetros do que pretendia. Pois, é verdade, na lista não está a ilha Graciosa (projeto que o

tempo em que vivemos obrigou a adiar) ou a ilha do Faial. Mas já se sabe que estão na LISTA. Toca a calçar as botas de caminhada, encher o cantil e agarrar a mochila. Querem vir?

HÉLDER ROCHA PEREIRA
(DOCENTE DA UAC)

A Paisagem Cultural vitivinícola de Santa Maria estudada na Universidade de Bolonha

Há dias a nossa ex-aluna ERASMUS Alessia Rughi, da Universidade de Bolonha, escrevia-me a informar que havia defendido a sua tese de mestrado em antropologia do património naquela instituição, com o título "Valorizzazione del paesaggio vitivinicolo di Santa Maria: I casi dei vigneti di São Lourenço e di Maia". Na mesma missiva a aluna italiana deixava ainda estas linhas, escritas em português:

"Com muito prazer deixo em anexo algumas das fotos da minha graduação e da minha tese! Foi tudo maravilhoso e ao mesmo tempo estranho porque tive a graduação online devido ao coronavírus... A situação em Itália é terrível, esperamos que tudo vai acabar!!!"

Foi com muita emoção que recebi esta notícia, tanto mais quanto das palavras da Alessia ressalta a alegria pela sua realização e, simultaneamente, a dor pelas circunstâncias em que o ato decorreu, com a Itália mer-

gulhada no drama da epidemia do COVID-19.

Para a FCSH a notícia é duplamente feliz: a Alessia nunca teria podido estudar a paisagem cultural de Santa Maria se não tivesse vindo para a UAC e nunca um tema do nosso património teria chegado à Alma Mater Studiorum da Universidade de Bolonha se a Alessia não se tivesse interessado por ele.

ISABEL SOARES DE ALBERGARIA
(DOCENTE DA FCSH)



Alessia Rughi estudou a paisagem cultural de Santa Maria

Alumni

Universidade dos Açores - Instrumento de Liberdade e Oportunidade

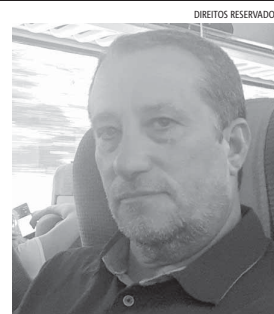
Como antigo aluno da Universidade dos Açores foi-me pedido pela equipa editorial do Agora um testemunho sobre a importância da Universidade dos Açores para mim.

O meu nome é Fernando Vieira, sou Micaelense e Açoriano, sou Professor de Filosofia por vocação. Ao pensar Universidade, penso Educação, Conhecimento, Potenciação de Ser.

Ao apelar à memória, inevitavelmente somos remetidos para as origens, para um percurso, um caminho de que a Universidade faz parte.

Sou ainda do tempo... (esta forma de iniciar o parágrafo inquieta-me um pouco) ... da ardósia, da caneta de tinta, tenho na minha memória o incómodo dos dedos sujos de tinta, do bico da caneta que arranhava o papel, da mão latejante das reguadas dadas pela professora pela traquinice ou dificuldade nalguma aprendizagem.

Cheguei à Universidade nem cedo nem tarde, já casado e a trabalhar porque assim o quiseram os Deuses deste e do outro mundo. Pude decidir para a Universidade porque ela estava cá. De outro modo não me seria possível. Fiz a minha licenciatura, penso agora, com algum espírito de infância, aquela infância feita de admiração e espanto pelas coisas novas, admirando e valorizando os momentos de enriquecimento e de abertura de horizontes que me proporcionava quem sabia mais do que eu. A Universidade, e a dos Açores em particular, é um instrumento de Liberdade e de Oportunidade que devemos Acarinharmos, Defender e contribuir para Ampliar. Nunca reduzir, nunca minimizar, nunca transformar em apêndice, filial ou meia coisa. Com os meus, aprendi de dever de reconhecer a quem nos faz bem. Foi o caso da Universidade dos Açores. Espero que estes caracteres e es-



Fernando Vieira é licenciado em Filosofia pela UAC.

tes espaços vos tenham dito alguma coisa. Espero que o silêncio das coisas que crescem vos diga ainda mais. Ah!!! ... e já agora, voltei à Universidade dos Açores para fazer o Mestrado de Filosofia para Crianças onde estou a aprender: a aprender com as Crianças e a cultivar a Infância. Continuo curioso, à procura de sentido e a ter prazer no conhecimento. Penso que isso é bom. É bom que a Universidade dos Açores esteja aqui. Que importância teve e tem a Universidade dos Açores para mim? O que acham?

FERNANDO VIEIRA
(ANTIGO E ATUAL ALUNO DA FCSH)

Agora... o Diretor dos SVTIC da UAc

“Todos estão empenhados em responder às dificuldades o melhor possível”

Rui Medeiros Amaral, licenciado em Engenharia Informática e Computação, pela Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, é desde 2017, o Diretor dos Serviços de Tecnologias da Informação e da Comunicação da UAc. No mês de abril, com a UAc já a funcionar por inteiro em modo remoto, com aulas à distância e teletrabalho, o Agora quis falar com o responsável pela equipa que tem estado na retaguarda da "UAc à distância", prestando apoio técnico a estudantes, funcionários, investigadores e professores. Num momento em que a pandemia da COVID 19 conta com 130 infetados nos Açores, 20 mil no País e 2 milhões e meio no mundo, e sem previsão de quando serão retomadas as atividades presenciais na UAc, o responsável pelos SVTIC, questionado sobre os receios de sobrelotação das redes ou os riscos de segurança e privacidade, é otimista em relação às infraestruturas tecnológicas e sobretudo em relação às equipas e às pessoas, cujo empenho tem sido essencial para que as aulas e o trabalho no Ensino Superior, e em particular na UAc, se mantenham, para já, a partir de casa.



"Temos uma equipa de excelentes profissionais com grande sentido de trabalho e responsabilidade", partilha Rui Amaral, Diretor dos SVTIC da UAc.

Com a pandemia da COVID 19 e a UAc à distância, as tecnologias da comunicação e da informação assumem um papel-chave...

A tripolaridade da UAc e as viagens profissionais de trabalhadores, docentes e investigadores, sempre recorreram a videoconferências e a trabalho remoto. Agora apenas escalou, mas as nossas infraestruturas tecnológicas e os colaboradores têm respondido bem. Desde que foi ativado o Plano de Contingência para o Coronavírus/COVID-19 da UAc, no final de fevereiro, passando pelo encerramento a 16 de março, até agora, com as atividades letivas e não letivas a funcionar à distância, como tem evoluído o vosso trabalho? Definiu-se um cronograma para a tarefa de preparação das máquinas dos utilizadores para trabalho remoto em cada serviço e faculdade. Realizaram-se formações sobre a utilização de ferramentas de colaboração e videoconferência.

Preparam-se aplicações com módulos próprios para funcionamento à distância. Todos estes trabalhos serão contínuos, sempre à procura de mais e melhores soluções.

OS SVTIC têm prestado apoio a toda a comunidade académica. Que problemas vos chegam diariamente?

São variados e normalmente relacionados com as ligações à Internet de particulares, a instalação ou configuração de aplicações e a participação em reuniões ou aulas por videoconferência. O dia-a-dia de assistência técnica mantém-se praticamente idêntico, agora remotamente.

Um receio recorrente, sobretudo na fase inicial da pandemia, era o do congestionamento de plataformas de ensino usadas por todo o País, como o programa de videoconferência Colibri/Zoom suportada pela FCCN, ou, enfim, de modo mais genérico, o colapso das infraestruturas da Internet... Esse cenário já pode ser afastado? Acredito que sim. Talvez nem te-

nha feito sentido essa preocupação pois as operadoras e as empresas preparam-se previamente. Os fornecedores de internet e as plataformas têm dado uma resposta à altura. Aproveito para deixar uma palavra de apreço, em particular à FCCN e à Altice, mas também a todos os que diariamente nos têm garantido as devidas condições de trabalho.

Têm sido veiculadas várias notícias sobre a falta de segurança da plataforma de videoconferência Colibri/Zoom... O que acha disto?

Já foi assumido pela própria Zoom, que tem dado uma excelente resposta com atualizações e conselhos de segurança. Estes já foram repassados à nossa comunidade académica. Assim, a UAc mantém a confiança pois é uma ferramenta fantástica, utilizada diariamente já há muitos anos com enorme proveito.

Como é dirigir os SVTIC à distância, articulando-se com a sua equipa, a Reitoria, os professores, os estudantes e os restantes funcionários?

Sempre prestámos assistência remota dentro da própria UAc. Temos uma equipa de excelentes profissionais com grande sentido de trabalho e responsabilidade. Têm sido incansáveis e graças a eles temos ultrapassado os problemas com sucesso.

Tem de ser enaltecida igualmente a compreensão e colaboração de toda a UAc. Sente-se que estão todos empenhados em responder às dificuldades o melhor possível.

Na semana passada, o Reitor avançou a possibilidade de as aulas se manterem à distância no próximo semestre. Isto traz novos desafios aos SVTIC?

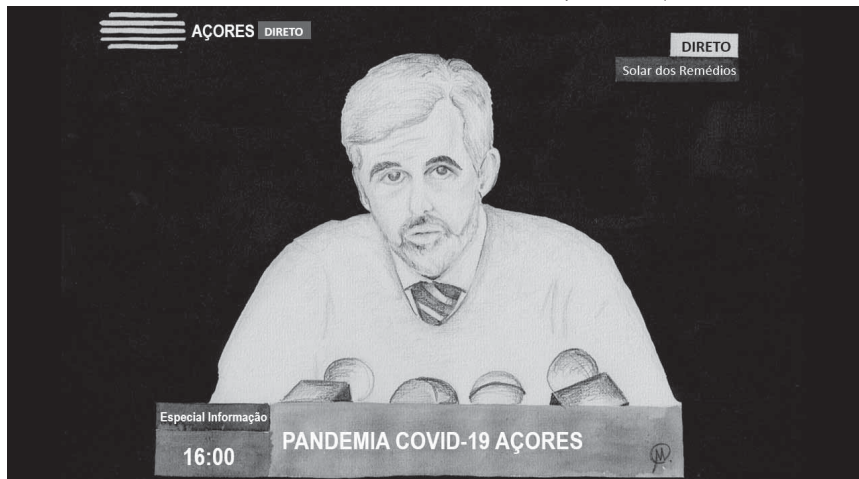
O serviço e as infraestruturas estão organizados e em constante melhoria. Excetuando avarias físicas ou falhas de sistemas, acreditamos que será uma questão de continuidade com as devidas adaptações na comunicação e colaboração com parceiros e fornecedores.

MARIA DA LUZ CORREIA
(DOCENTE DA FCSH)

Agora é moda

O Tiaguim

ILUSTRAÇÃO DE CARLA MEDEIROS (ANTIGA ALUNA DO MESTRADO EM PRÉ-PROFI DA FCSH)



Tiaguim conta já com uma legião de cerca de 50 000 fãs.

Tiago Lopes – Tiaguim, para os amigos e amigas – é presentemente a figura mais mediática não só do governo regional dos Açores, mas de toda a sociedade açoriana. Tudo fica em suspenso às 16.00 horas para se ver e ouvir o Diretor Regional da Saúde fazer a atualização diária do número de casos infetados, positivos, negativos, suspeitos, desencaminhados, malcriados e recuperados do novo coronavírus. Parece impossível, mas há quem assevere que todos os dias àquela hora, os pássaros se calam, o sol se esconde, as moscas caem e o mundo se alegra com os pullovers do Tiaguim.

Já se fala do Tiaguim em Hollywood para ser o protagonista do próximo filme da saga James Bond. Não é para estranhar. O Tiaguim é um herói, o paladino da serenidade, o fazedor de milagres, o mais importante dos quais foi tornar a moribunda RTP-Açores em líder de audiên-

cias na Happy Hour das 4 da tarde. Depois de estar em preparação uma nova coleção de livros infantis intitulada Tiaguim Chega ao Governo, disse-me uma fonte bem informada que o José Rodrigues dos Santos decidiu recrutar uma equipa de escribas para um novo *best-seller* intitulado *O novo mito sebástico: Tiaguim, o Descoberto*.

Há um grupo de FB intitulado «Fãs do Tiaguim» que no dia 4 de abril já contava com mais de 16.500 membros. São de todas as idades e sexos, mas consta que os homens estão lá apenas para lhe imitarem o estilo, controlarem as consortes e lhe encontrarem defeitos. Já as mulheres perdoam-lhe a imperfeição encantadora dos seus bordões de linguagem e exultam com o penteado, a cor dos lábios, a profundidade do olhar, a maciez da pele, a estrutura dos ossos, o movimento das pestanas. E os pullovers.

Tiaguim já é o George Clooney, a Fada Oriana e o Dom Sebastião

açoriano. Mas o seu destino é mais alto. Há uma petição para as Bertinhas e os Serginhos serem agora todos Tiaguins; outra, para a vacina contra a COVID-19 se chamar Tiaguim-AÇOR.

Desejoso de recuperar rapidamente, o setor turístico vai apostar num novo empreendimento, o TIAGUIM ECO-SPA. A banca vai lançar um novo cartão Tiaguim Gold. Muita gente acredita que todos os bebés nascidos a partir de agora se chamarão Tiaguins e Tiaguinhas. Mas o mais importante de tudo é que, para todo o sempre, as 16.00 horas serão, na RAA, a hora do Tiaguim. Os Açores mudaram com o Tiaguim. As mães açorianas vão ter de aceitar a reformulação de um dito que as celebrava, pois agora «Quem tem um Tiaguim tem tudo». Só falta mesmo é o raio do vírus morrer às mãos do Tiaguim.

LEONOR SAMPAIO DA SILVA
(DOCENTE DA FCSH)

Agora é hora

Manual de sobrevivência ao teletrabalho em modo de isolamento social

A pandemia de COVID-19 deu início à era do teletrabalho em isolamento social. Eis algumas dicas importantes para sobreviver:

1. Recriar o gabinete em casa (para aqueles que têm espaço e condições para tal) requer, para além do telemóvel, alguns equipamentos informáticos tais como computador com sistema de som e câmara, impressora e tinteiros. Prepare-se também para ter reuniões e aulas nestas novas salas: ZOOM, Microsoft Teams, Skype, Moodle, entre outras. Atenção, não esquecer a questão da assinatura digital se tiver de assinar documentos.

2. Assegurado o seu local de trabalho, passemos à satisfação das necessidades fisiológicas (fome, sono). As rotinas ocupam aqui um lugar chave. Afinal, não é só a curva do número de infetados de COVID-19 que deve ser monitorizada. Há curvas do nosso corpo que merecem alguma atenção, um pequeno planalto também aqui é preferível a um pico. Caso contrário, não há intensivista (PT) e ventilador (elíptica) que salvem a situação. Portanto, cuidado quando chegar a hora de ir/encomendar as compras e faça algum exercício físico!

3. Nesta fase de isolamento social, há que manter uma agenda social, seja através dos tradicionais telefonemas, Facebook, concertos ao vivo no Instagram, chamadas de grupo via Houseparty, almoços e jantares em videochamada via Skype ou Whatsapp. Resumindo, vale tudo para se manter socialmente ativo.

4. Ao nível estético, chegou o momento de dar algum descanso do gelinho às unhas e dos poros da pele da cara poderem respirar. Quanto ao cabelo, o objetivo não é ficar com ar de Cruela dos 101 Dálmatas, é sim uma oportunidade para arriscar e experimentar, por exemplo, uma coloração amexia. Afinal, quando terminar o isolamento social a cor natural já estará de volta.

Concluindo, destacam-se três aspetos essenciais para sobreviver ao teletrabalho: rotinas, criatividade e nivelar a exigência. Não se pode ser perfeito em tudo e conseguir fazer tudo ao mesmo tempo. Afinal, há que manter a nossa saúde física e mental!

SOFIA MAJOR
(DOCENTE DA FCSH)

DIREITOS RESERVADOS



Rotinas, criatividade e nivelar a exigência, são as 3 regras de ouro para sobreviver ao teletrabalho.

